



MACABÉA

REVISTA ELETRÔNICA DO NETLLI
ISSN 2316-1663

VOLUME 9, NÚMERO 4 | OUT-DEZ 2020

MORFOLOGIA AGLUTINANTE NO PORTUGUÊS ANGOLANO FORMAÇÃO DE NEOLOGISMOS HÍBRIDOS



AGGLUTINATIVE MORPHOLOGY IN ANGOLAN PORTUGUESE FORMATION OF HYBRID NEOLOGISMS

HILTON FORTUNA DANIEL
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA, PORTUGAL

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | O AUTOR
RECEBIDO EM 01/08/2020 • APROVADO EM 01/09/2020

Abstract

Angolan portuguese has shown, with some prominence, an agglutinating morphology. The present study aims to analyze the processes of formation of neologisms resulting from hybridisms between native angolan languages and portuguese language. These neologisms have been shown to be productive and enriching for the variant of portuguese language spoken locally, which brings together vernacular elements referring to the bantu languages and latin morphemes incorporated by the only official language in Angola. Using mainly word collections in reference literary works, which constitute the corpora of the present study, we present fifty hybrid neologisms, based on the kimbundu, umbundu, cokwe and the quikongo and latin affixing morphemes. Neologisms have a verbal, adjective and nominal contribution that result from these interlinguistic amalgams and adjunctions. With this study, it is intended to understand the systematization and operation that speakers have carried out over time, considering linguistic varieties.

Resumo

O português vernáculo de Angola tem-se mostrado, com certa incidência, com uma morfologia aglutinante. Por isso, este estudo tem como objetivo a análise dos processos de formação de neologismos resultantes de hibridismos entre as línguas nativas angolanas e o português. Estes neologismos têm-se mostrado produtivos e enriquecedores para a variante do português falado localmente, a qual congrega elementos vernaculares referentes às línguas bantu e morfemas latinos incorporados através da única língua oficial em Angola. Servindo-nos, principalmente, de recolhas de vocábulos em obras literárias de referência, as quais constituem os corpora do presente estudo, apresentamos cinquenta neologismos híbridos, tendo por base o quimbundo, o umbundo, o tchókwe, o quicongo e formantes afixais latinos. Estes neologismos constituem um aporte de natureza deverbal, deadjetival e denominal que resultam das adjunções interlinguísticas. Com este estudo, pretendemos compreender a sistematização e operação a que os falantes procedem ao longo dos tempos, considerando as variedades linguísticas locais.

Entradas para indexação

KEYWORDS: Neologism. Hybridity. Morpheme. Angolan portuguese.

PALAVRAS-CHAVE: Neologismo. Hibridismo. Morfema. Português angolano.

Texto integral

1. INTRODUÇÃO

Os estudos sobre a relação interlinguística, particularmente os vocábulos do quimbundo no português europeu ou brasileiro, estabelecidos pela dicionarística lusófona, não são recentes.

Alguns estudos parecem concordar com Mendonça (2012), o qual alega que em 1789, no primeiro dicionário monolíngue do idioma português, António Morais e Silva já identificava várias palavras de origem africana, como *batucar*, *cafuné*, *malungo* e *quiabo*, de uso corrente entre os brasileiros.

Não muito distante (FIGUEIREDO, 1913), no Novo Dicionário da Língua Portuguesa, elencava-se pouco mais de 300 (trezentos) lexemas e vocábulos (com entradas e subentradas) originários de culturas e línguas angolanas como *ambacas*, *ambundos*, *arimbo*, *arimo*, *bailundos*, *batuque*, *benguelas*, *bombó*, *bunda*, *cacimba*, *cacimbo*, etc., alguns dos quais já em desuso, outros em vigência, sendo que inúmeros vocábulos sofreram evolução semântica ou passaram pelo processo de "neologismo fonológico" (cf. ALVES, 2009).

O português de Angola (PA) vem-se mostrando, ao longo dos anos, com uma considerável carga vocabular obtida da relação interlinguística entre as línguas nativas de Angola e o português, resultado do hibridismo cultural, que (CARDOSO, 2008) é "um fenómeno histórico-social que existe desde os primeiros deslocamentos humanos, quando esses deslocamentos resultam em contatos permanentes entre grupos distintos."

Acreditamos que esta nova realidade linguística a que se sujeita a língua portuguesa, sobretudo as suas variedades, no século XX e XXI, tem sido amplamente aceite. Todavia, nem sempre foi bem-vinda, principalmente em Portugal, este tratamento inclusivo e integrado de certos aportuguesamentos, como os que veremos nas tabelas 1, 2 e 3.

Já em 2001, não se tratando de aportuguesamento, mas de simples empréstimos, o Dicionário da Academia das Ciências de Lisboa fora alvo de algumas críticas talvez infundadas, (CORREIA, 2005, p. 2) esta discussão sobre a integração de empréstimos no português era uma das mais acesas discussões em Portugal, projetada de forma inflamada, pouco refletida e cientificamente pouco informada.

Subsiste a ideia de que uma língua viva e natural, como é a portuguesa, carece sempre destas inovações para se revitalizar, seja através de neologismos semânticos, seja através de aportes. Os aportes, que, neste caso, são os contributos de natureza científica, literária, linguística, etc., provenientes de línguas angolanas, tendo entrado na época colonial para o domínio da língua portuguesa, é entendido como "a apropriação e integração de contributos linguístico e socioculturais negro-africanos inscritos na configuração da modalidade do português brasileiro por meio de um processo contínuo de importação". (CASTRO, 2016, p. 14).

Por conseguinte, a Professora Castro (2016) considera que o conceito de "aporte" é o mais adequado em detrimento do de "empréstimo". Para a referida linguista,

há de distinguir os lexemas que entraram na época colonial para o domínio da língua portuguesa e estão completamente integrados ao seu sistema linguístico, de onde formam diferentes derivados com prefixos e sufixos do português, vendo seus limites morfológicos desaparecerem ou alargarem, sem que o falante brasileiro se aperceba de que se trata de um lexema banto. (CASTRO, 2016, p. 15).

No entanto, é de realçar (COMPARINI, GUIRALDELLI & SOUZA, 2017, p. 318) que não se pode conceber a classificação de línguas por tipo de morfologia de maneira estanque, pois há muitas delas que apresentam uma morfologia híbrida.

Creemos que esta realidade linguística brasileira não se distancia da angolana, pelos inúmeros traços de morfologia aglutinante, de tal modo que muitos falantes do PA não se apercebem da coexistência de dois formantes interlinguísticos na lexicalização de vocábulos neológicos, por parecerem tão enraizados no português coloquial e corrente.

Considerando os argumentos de Lino (2019, p. 16), a neologia do português, que é o escopo do nosso estudo, em todos os países da CPLP, merece uma observação urgente, se analisarmos que a língua portuguesa, hoje, é uma língua internacional e não cessa de evoluir em contato com as línguas e as culturas, no espaço da lusofonia.

Neste sentido, um dos objetivos dos estudos sobre os neologismos é contribuir para a fixação, harmonização ou normalização da nossa língua, com vista a criação de recursos linguísticos como vocabulários ortográficos, dicionários

eletrônicos articulados a bases textuais e o tratamento automático da língua. (LINO, 2019, p. 17).

No entanto, para que isto ocorra, é importante que percebamos alguns dos processos de formação de neologismos no português de Angola.

2. CONTATOS LINGUÍSTICOS EM ANGOLA

Em Angola, devido a fatores endógenos (como a proeminência das línguas locais e o êxodo do interior para a capital, Luanda) e exógenos (como a aculturação, globalização, os aportes linguísticos, o português em contexto de interlíngua ou adquirido/aprendido em contexto de L2) do próprio mosaico linguístico, os neologismos decorrentes destas situações têm constituído uma categoria fértil e contínua.

Compete-nos realçar alguns dos fatores que contribuem para o mosaico linguístico em África, particularmente em Angola.

Devido ao processo de colonialismo por que passaram quase todos os países africanos, os da África ocidental têm, pelo menos, três categorias principais de línguas que são (ADEGBIJA, 2009):

- a) Línguas **exoglóssicas**, as impostas pelas potências europeias, que, neste caso, são as línguas faladas numa comunidade, mesmo não sendo nativas;
- b) Línguas **endoglóssicas**, as indígenas dos diferentes países, que, neste caso, é um conceito atribuído às línguas nativas;
- c) Línguas "**exoendoglóssicas**", isto é, pidgins, que se desenvolveram amplamente como resultado do contato entre os dois primeiros tipos de línguas identificados aqui.

Alinhadas nesta perspetiva estão algumas linguistas (cf. BARROS, 2002, e MINGAS, 2002), segundo as quais não se deve pôr de parte a possibilidade da criouliização do português, particularmente nos registos oral e popular.

Todavia, em Angola, as hipóteses de "exoendoglóssica", proposta por Adegbija, e "criouliização", apresentada por Barros e Mingas, parecem já não estar em conformidade com a realidade objetiva de atual, visto que entendemos não se tratar de uma verdadeira pidginização. Para que a mesma ocorresse, os falantes teriam de estar, na essência, em contexto de língua não materna (nos dois grupos linguísticos, ou apenas a nível do português) e, deste modo, usarem o português como língua franca ou estrangeira. Esta realidade parece-nos já não ter fundamento pragmático.

Se atentarmos em diversos estudos que exploram a componente L1 e L2 localmente (IMA-PANZO, 2014, p. 54), por um lado, notar-se-á que dado os múltiplos contextos de utilização da LP, para muitas crianças e jovens que chegam ao ensino primário, a LP é a sua LM.

Por outro, num inquérito aplicado a 100 alunos da 5ª e 6ª classes, sobre a condição linguística do português, na escola Cristo Redentor, na capital de Angola, Luanda, obtiveram-se os seguintes dados (DANIEL, 2017, p. 50) dos alunos inquiridos: i) um fala Português/Francês; ii) três falam Português/Inglês; iii) dois falam Português/Quimbundo; iv) sete não mencionam que língua(s) falam e v) oitenta e sete informantes falam só o Português. Contrariamente a outros países africanos ou à realidade linguística de Angola dos anos 90 (séc. XX), o português falado em contexto de L1 tem vindo a registar um crescimento acelerado e tem-se consolidado, principalmente, nas cidades ou zonas urbanas.

No seu trabalho dissertativo de doutoramento sobre o perfil linguístico do falante urbano, tendo aplicado inquéritos a 2000 informantes de duas cidades, Lubango e Huambo¹, Cruz (2013) concluiu que, mesmo havendo diversas línguas maternas nessas cidades (quioco, espanhol, português, quimbundo, quicongo, quanhama, nhaneca, ganguela e umbundo, sendo que o espanhol depreende falantes cubanos), o domínio do português é o seguinte: muito mal (1,5%), mal (3,6%), razoável (18,2%), bem (45,7%), e muito bem (29,2%).

Notando-se o crescimento do número de falantes do português L1, o crescimento do número de angolanos escolarizados, sendo que só o português possui, ainda, o estatuto de língua de escolarização a nível nacional, esta língua tem apresentado constantes evoluções, também pela contribuição do acesso à internet, que se tornou comum. Não é raro, entre os usuários do português, muitos profissionais da medicina convencional, políticos, professores e jornalistas empregarem termos originalmente das línguas nativas angolanas, a fim de que possam comunicar com a espiritualidade africana.

Por isso, parece-nos haver, no português falado em Angola, traços de morfologia mista (tanto traços de morfologia sintética ou flexional como de morfologia aglutinante), como se pode verificar nos exemplos cujos lexemas, do quimbundo, são aportes verdadeiros na variante do PA:

- i) *Makulo* (maculo) em vez de oxiurose;
- ii) *Katolotolo* (catolotolo) em vez de paludismo ou dengue;
- iii) *Trumuno* em vez de jogo (partida) de futebol;
- iv) *Maka* em vez de problema, confusão, empecilho;
- v) *Zungueira* em vez de vendedora ambulante;
- vi) *Kupapata* em vez de mototaxista;
- vii) *Candongueiro* em vez de negociante, taxista.

Em relação aos traços flexionais (entenda-se língua sintética), as línguas bantu (NAUEGE, 2017) apresentam um conjunto de radicais invariáveis cuja maior parte de palavras se forma por processo de aglutinação de afixos. Esta prerrogativa,

¹ Capitais das províncias da Huíla e do Huambo, respetivamente, ambas da região Sul, cujas línguas predominantes, ao contrário de Luanda, que é o quimbundo, são o umbundo e o nhaneca, sendo a primeira destas duas a língua nacional com maior número de falantes.

ao que nos parece, propicia condições que tornam os lexemas bantu abertos a afixos de originários de línguas neolatinas.

Veja-se os exemplos *v* e *vii*, de *zunga* (venda ambulante) e *candongá* (pequeno negócio), ambos substantivos, mais os formantes adjetivais *-eiro*, *-eira*, resultam os neologismos adjetivais, os quais possuem marcas de morfologia aglutinante e híbrida.

Apreciados estes lexemas e formantes, dentro do processo evolutivo das línguas naturais, "a língua portuguesa não cessa de evoluir, nos vários espaços lusófonos, onde coabita com outros tipos de línguas" (LINO *et al.*, 2010), além do fator coexistência, os referidos autores reafirmam que, por exemplo, há conceitos particularmente africanos, no domínio da Medicina Tropical, que são inexistentes em Portugal, sendo que estas terminologias integram termos que apresentam particularidades diferentes das que caracterizam as terminologias destes domínios científicos na variante do PE. (LINO *et al.*, 2010, p. 195).

Deste modo, havendo, em Angola, diversas circunstâncias que favorecem criações neológicas, (ALVES, 2009) "a permuta de um fonema por outro pode gerar um neologismo fonológico", sendo que até "uma mudança de significado frequentemente condiciona a criação de um neologismo semântico, bem "como a adição de um prefixo ou de um sufixo implica alterações semânticas na palavra-base". (ALVES, 2009, p. 1821).

Com efeito, dentro da classe dos neologismos, embora se possa inferir que o processo mais comum no PA seja o aportuguesamento, vários registos confirmam a presença de vocábulos que passaram pelo processo de acomodação fonética, emergindo neologismos fonológicos.

Particularmente, o vocábulo *kijila*, muito em uso entre os falantes do quimbundo ou bilingues em contexto do português (significando problema, impasse, inconveniente, maldição, tormento, tabu), deriva do português *quezília* (que significa zanga, contrariedade, transtorno, antipatia, etc.).

Verifica-se que de [kə'zilje] para [ki'zilɐ], embora haja um metaplasmo de permuta em dois fonemas, sendo no primeiro uma alteração vocálica da primeira sílaba, o principal traço distintivo vincado parece-nos ser o fonema /z/, tendo sido substituído por um fonema similar /j/, dado que os fones [z], em "quezília", representado pela consoante fricativa pré-dorso-alveolar vozeada ou sonora e o [ʒ], em "kijila", representado pela consoante fricativa pré-dorso-pré-patatal vozeada ou sonora (cf. AFI, 2005), apresentam semelhanças fonéticas.

Exemplos de uso na cultura urbana (música e literatura):

- i) «Eu então não sou de **kijila**, gosto mesmo bué de kazukuta». (Extraído da música de Eduardo Paim, cujo título é Eu vou pra nguenda).
- ii) «Precisa só lhe tirar **kijila**». (Extraído da obra de Boaventura Cardoso, O fogo da fala, de 1980).

Jakobson & Halle (1956) consideram que quando um ouvinte recebe uma mensagem numa língua que domina, ele correlaciona-a com os códigos disponíveis, e esses códigos incluem todos os traços distintivos a serem operacionalizados, ou seja, um falante do português língua não materna, com pouco domínio ou suficiente

do português, procura adequar os fones desta última com base nos mais similares disponíveis na sua L1.

Considerando a parassíntese um recurso não muito frequente na formação ou lexicalização de neologismos híbridos no PA, observe-se, por exemplo, que, de um lexema originalmente bantu, sendo a principal referência o quimbundo, que significa "picante", temos:

-jindungo-

Mais os morfemas lexicais da língua portuguesa, com base em afixos:

prefixo *a-* + sufixo verbal *-ar*

Resultando um neologismo híbrido, um verbo denominal:

Ajindungar

O qual significa "condimentar um alimento com jindungo" ou, no sentido figurado, "tornar algo aprazível, prazeroso".

Concordamos que a evolução de uma língua depende da evolução das necessidades comunicativas do grupo que a emprega, (MARTINET, 1980, p. 173) "l'évolution d'une langue est sous la dépendance de l'évolution des besoins communicatifs du groupe qui l'emploie".

Hoje, não só as culturas dos países falantes do português se influenciam mutuamente, pelo contato linguístico, mas também observamos maior interculturalismo devido às ligações à internet, e, no sentido intercultural (GALISSON, 1988) "pour accéder à la culture quelle, qu'elle soit, le meilleur truchement est le langage, parce qu'il est à la fois véhicule, produit et producteur de toutes les cultures".

A nossa língua apresentou sempre estas características variacionistas. Historiadores da língua (CASTRO, 2008, e CARDEIRA, 2006) apontam o fato de a língua portuguesa resultar do latim vulgar, falado por comunidades sem tradição literária e pouco influenciadas pelo ensino escolar. Salvaguardados os contextos históricos distanciados, observa-se o fato de, cada vez mais, estudantes de diferentes níveis de ensino, estudiosos, professores, jornalistas, políticos e vários outros profissionais estarem no alinhamento da variante angolana, por tão ínfima que seja, por vezes, a inclusão, nos discursos orais de maior prestígio, de vocábulos híbridos ou bantu.

3. OS METAPLASMOS NA FORMAÇÃO HÍBRIDA DE NEOLOGISMOS

Em Angola, os metaplasmos marcam algumas das principais ocorrências na transformação dos lexemas durante o processo de aportuguesamento. Cabe-nos considerar a tradicional tipologia linguística ou classificação morfológica das línguas (cf. PRIA, 2006), segundo a qual, embora hoje bastante discutível, os tipos de línguas

"isolantes" (ou monossilábicas), "aglutinantes" e "flexivas" (ou fusionantes) originavam da formulação da classificação morfológica clássica.

De acordo com Pria (2006), i) as línguas isolantes não apresentam flexão, sendo as informações gramaticais que podem expressar flexão expressas por palavras invariáveis (o chinês, o vietnamita, etc.); ii) nas línguas flexivas os morfemas são representados por afixos (russo, latim, grego, etc.); iii) as línguas aglutinantes unem afixos comumente invariantes a uma raiz, podendo haver vários morfemas facilmente identificáveis em uma palavra. (PRIA, 2006, p. 115-116). No entanto, apesar de várias críticas feitas a essa classificação tipológica, este autor acredita que, em geral, a maior parte das línguas naturais se aproxima do tipo aglutinante.

Em 1921, tendo-se procedido à revisão da classificação tipológicas das línguas, chegou-se à conclusão de que três classificações das línguas (cf. SAPIR, 1921) podiam ser determinadas pelo número de morfemas na palavra e pelas alterações fonológicas nos mesmos itens morféimicos. Sapir (1921) então reclassificou-as pelo método i) sintético, pelo número reduzido de morfemas na palavra formada; ii) polissintético, diversos morfemas; analítico, um morfema por palavra. Na sequência, caracterizou a aglutinação como recurso a simples afixação.

Como veremos em alguns dos neologismos constantes na tabela a seguir, para Sapir (1921), sendo que a "affixation, including the use of prefixes, suffixes, and infixes", as línguas aglutinantes são, especificamente, de afixação, algumas delas constituindo-se junto de prefixos, outras de sufixos. (SAPIR, 1921, p. 62).

Percebe-se, na Tabela 1, a ocorrência de alguns metaplasmos por adição (neste caso, estando incluída a afixação) ou supressão, os quais têm regido a formação ou obtenção desses neologismos híbridos, em grande medida.

Metaplasmos	Quimbundo	Aportuguesamento	Significado
Prótese	jindungo (picante)	a-jindungar ²	condimentar alimento
Epêntese	ku-kinga (esperar)	quínguila	que vende/compra dinheiro
Paragoge	kandongga (negócio)	candongueiro	negociante, revendedor
Aférese	kúbanga (envaidecer-se)	banga	vaidade, elegância
Síncope	jipaúlo (doença tradicional)	gípalo/gipalo	doença infantil (crença)
Apócope	kutambula (pegar, segurar)	cutar	agarrar, apertar, apanhar

Tabela 1: Alguns exemplos de metaplasmos no PA.

De todo modo, os elementos morféimicos intrínsecos às línguas neolatinas (neste caso, o português), juntos a elementos lexemáticos bantu, originam diversas

² Verifica-se que *ajindungar*, além da prótese, que, dos afixos, nos parece ser o mais relevante metaplasmo na formação, é um verbo denominal formado por parassíntese.

alterações que resultam em neologismos (de morfologia aglutinante), onde a palavra **candongueiro** ilustra o efeito aglutinador.

No entanto, os morfemas, sendo unidades linguísticas mínimas portadoras de significado gramatical ou lexical e indivisíveis, em Angola, dão-se, predominantemente, no domínio lexical, isto é, em classes abertas como os substantivos, adjetivos e verbos, como se comprova na Tabela 2. Os morfemas gramaticais, por sua vez, os que integram classes fechadas como pronomes, conjunções, preposições e determinantes, não são facilmente operacionalizados na formação neológica por hibridismo.

4. HIBRIDISMOS LINGUÍSTICOS NO PORTUGUÊS VERNÁCULO DE ANGOLA

Paralelamente à realidade de Angola, vários estudiosos prestaram especial atenção às variantes linguísticas africanas. Aquando da independência dos territórios colonizados de África, no final dos anos 50 e 60, a meio da década de 70 para Angola, (cf. OPEIBI, 2012) as questões linguísticas começaram a atrair a atenção de estudiosos e formuladores de políticas nessas novas nações. Em Angola, este processo decorreu com os principais autores desse período, alguns dos quais autores das obras exploradas para o efeito.

Além da recolha efetuada em jornais, televisões e letras de canções de músicos angolanos de reconhecido valor internacional (Bonga, Paulo Flores, Waldemar Bastos, Eduardo Paim, estes residentes em Portugal, há mais de 30 anos), os corpora são orais e escritos, no entanto, constituídos, principalmente, de recolhas de vocábulos constantes em obras de referência dos seguintes autores angolanos: Boaventura Cardoso, Óscar Ribas, Uanhenga Xitu, Manuel Rui Monteiro, Pepetela, Luandino Vieira, Ondjáki, Viriato da Cruz, António Jacinto e Agostinho Neto.

Os escritores angolanos do período pré-independência sempre procuraram vincar o distanciamento entre a literatura produzida na então província de Angola e a da metrópole, Portugal, através da lexicultura (cf. GALISSON, 1988) ou vocábulos originários das línguas nativas.

Por exemplo, o Professor Andrade (2008, p. 259) considera que, ao efetivar a transposição da língua dos musseques para a literatura, Luandino Vieira recorria ao português angolanizado e ao quimbundo (ANDRADE, 2008). Este português angolanizado, ou português vernáculo de Angola (cf. INVERNO, 2009), tem consolidado a variante angolana, que, cada vez mais, se fortalece, influenciando, de alguma forma, o português coloquial nos bairros populares de Lisboa, em Portugal.

Sendo assim, embora (ALVES, 2002) as fronteiras entre os formantes afixais e unidades lexicais nem sempre se mostram nítidas, a Tabela 2 demonstra as naturezas adjetival, verbal e substantival destes formantes afixais no processo a que Galisson e Coste (1983, *apud* ALVES 2002, p. 164) denominaram por "lexicalização". Cabe-nos aqui realçar que, aos elementos aqui designados por "morfémicos", Quemada (1981, *apud* ALVES, 2002, p. 163) designou por "formantes", pois, segundo esta autora, o termo abrange as unidades mínimas ligadas, podendo ser os radicais, elementos de composição herdados das línguas clássicas e os afixos (prefixos e sufixos).

Deste modo, teremos, nesta tabela, formantes afixais do português junto a lexemas das línguas nativas de Angola, cuja etimologia e semântica serão esclarecidas, posteriormente, na Tabela 3:

Formador de	<i>-ano(a)</i>	<i>-ense</i>	<i>-ista</i>	<i>-ês</i>	
Gentílicos	cabindiano(a)	benguelense	ambaquista	cabindês	
Gentílicos	huilano(a)	gabelense	calukembista	conguês	
Gentílicos	moxicano(a)	uigense	quibalista		
Formador de	<i>-ar</i>	<i>-ar</i>	<i>-ar</i>	<i>-ar</i>	
Verbos	bassular	cuatar	muxoxar	caçumbular	
Verbos	cunangar	cangar	ngandular	curibotar	
Verbos	quinguilar	mujimbar	nganzar	bumbar	
Formador de	<i>-ado/a</i>	<i>-eiro/a</i>	<i>-inho/a</i>	<i>des-/dis-</i>	
Adjetivos	cacimbado(a)	candongueiro(a)	cassulinha	descuanzar	
Adjetivos	buamado(a)	zungueiro(a)	canguinha	desbundar	
Adjetivos	bungulado(a)	batuqueiro(a)	palanquinha	descabaçar	
Formador de	<i>-ção</i>	<i>-ice</i>	<i>-ismo/-ista</i>	<i>-ria</i>	<i>-mento</i>
Substantivos	umbundização	matumbice	cupapatismo	zombaria	xinguilamento
Substantivos	quiconguização	cambutice	kizombista	macumbaria	alambamento
Substantivos	quimbundização	cunanguice	quimbandismo	quimbandaria	xingamento

Tabela 2: Formantes afixais do português juntos a lexemas de origem bantu.

A maioria destes verbos resultantes de hibridismos linguísticos acumula, principalmente, valores factitivos ou causativos, aliás, esta é uma das principais características dos verbos obtidos por este recurso.

Confirmado por Rio-Torto (2019), para a formação de verbos denominais e deadjetivais, isto é, derivados de nomes e adjetivos, como são alguns dos verbos constantes na Tabela 2, a língua portuguesa recorre à conversão e à afixação, sendo que, no âmbito desta última, segundo a autora, são vários os mecanismos que tem à sua disposição (sufixais, prefixais, parassíntese).

Segundo a referida linguista, tendo como exemplo a conversão (*assunt-* (Rad.N) → *assunt-* (Rad.V) → *assuntar* (V)) (RIO-TORTO, 2019), para o caso dos verbos aqui apresentados, por ser um processo com poucos custos linguísticos, uma vez que não implica adjunção de novos itens lexicais, a conversão é o processo mais representado e produtivo no presente.

Note-se que, não sendo fácil a demanda de verbos denominais de outras conjugações, o morfema marcador de verbos da primeira conjugação é o mais prolífico na classe de verbos híbridos, a natureza dos neologismos verbais terminados em *ar* tem-se mostrado mais extensa que nos verbos da segunda e terceira conjugações. Tal ocorrência talvez se explique devido ao fato de as línguas do tronco linguístico bantu serem predominantemente de sílabas abertas.

Explorando a Tabela 2, observamos que, na formação de gentílicos, nas línguas nativas, decorre o processo de atribuição das designações das referidas línguas ou dos grupos étnicos, sendo que, neste caso, a um cidadão da província da Huíla o gentílico será *mwila*, o etnónimo de um cidadão da província de Cabinda é

cabinda, outras vezes, o item prefixal *ka-* (*kaluanda*) distingue o gentílico ou etnónimo do topónimo Luanda.

Veja-se que os neologismos denominais "xinguilamento" e "xingamento", hoje, com definições afastadas (cf. Tabela 3), ambos obtidos da adjunção do radical *xing-* e o formante sufixal *-mento*, se apresentam como corradicais, cujo lexema (*ku>xinga*) ainda conserva o semantema distribuído nos dois vocábulos. De tal modo que se lhes depreendem os sentidos fundamentais de: maldição, invocação de espíritos, ofensa ou ato de praguejar. Face a este resultado, nos dois casos, a evolução semântica operacionalizada dentro da língua portuguesa afastou-os, residualmente, a notar-se nas suas definições consagradas pelo uso, devido ao recurso epentético que transparece nos fonemas /i/ e /l/, os quais, em nosso entender, embora não agreguem valores semânticos, acabam por determinar a distinção dos traços morfológicos do primeiro vocábulo em relação ao segundo.

Na obra *Luuanda*, de Luandino Vieira, de forma especial e avisada, fazem-se distinguir as definições entre *xingar* (ofender) e *xinguilar* (invocar espíritos):

- i) «Mas naquela hora tudo saiu na boca sem poder parar, parecia tinha um cazumbi, só **xinguilava**, só dizia o que ele mandava». (*Luuanda*, de Luandino Vieira).
- ii) «Avisando Beto e Xico para não adiantarem **xingar** o velho». (*Luuanda*, de Luandino Vieira).

À luz do conceito de "aporte linguístico" (cf. CASTRO, 2016) ou "adaptação dos empréstimos neológicos ao sistema linguístico do português" (cf. CORREIA, 2005), dentro do português vernáculo de Angola, sempre houve uma necessidade de se adotar os vocábulos considerados inevitáveis para denominação de um conceito que não seja designado facilmente por qualquer unidade lexical em língua portuguesa.

Embora não seja este um exemplo que enquadre a totalidade dos vocábulos aportuguesados, temos muitos exemplos de adjetivos, de substantivos e verbos que expressam realidades cuja tradução resultaria em definições imperfeitas ou descontextualizadas. Assim, nesta tabela, em referência à anterior, esclarece-se os itens etimológicos e semânticos constantes naquela tabela.

Neologismos	Étimo	Significado
1. alambamento	do umbundo, <i>oku-lomba ukã</i>	pedir a mão da mulher; casamento
2. ambaquista	do quimbundo, <i>mbaca</i>	natural do município de Ambaca
3. bassular	do quimbundo, <i>ku-súla>ba-súla</i>	queda aplicada a outrem; queda
4. batuqueiro(a)	do quimb., <i>ba-atuka>batuque</i>	ladrão; assaltante; que batuca
5. benguelense	do umbundo, <i>oku-vengela</i>	natural da província de Benguela
6. buamado(a)	do quimbundo, <i>-tuuama</i>	admirado; perplexo; néscio
7. bumar	do quimbundo, <i>mbumbu</i>	mexer-se; trabalhar; ir ao serviço
8. bungulado(a)	do quimbundo, <i>u-bungula</i>	endiabrado; enfeitado

9. cabindês(a)	do quicongo, <i>i-binda>ka-binda</i>	natural da província de Cabinda
10. cabindiano(a)	do quicongo, <i>i-binda>ka-binda</i>	natural da província de Cabinda
11. cacimbado(a)	do quimbundo, <i>ka-sumbu</i>	ébrio; tonto
12. caçumbular	do quimbundo, <i>ka-sumbu</i>	apoderar-se de algo de súbito
13. caluquembista	do quimbundo, <i>kalukembe</i>	natural do munic. de Caluquembe
14. cambutice	do quimbundo, <i>ka-mbuta</i>	efeito de ter uma baixa estatura
15. candongueiro(a)	do quimbundo, <i>ka-ndonga</i>	que faz negócios para remedeio
16. cangar	do quimbundo, <i>kanga</i>	apertar; agarrar; apanhar
17. canguinha	do quimbundo, <i>kanga</i>	avarento; egoísta
18. cassulinha	do quimbundo, <i>ka-zuli</i>	último da família
19. congus(a)	do quicongo, <i>kongo</i>	natural de Mbanza Congo
20. cuatar	do quimbundo, <i>kwata</i>	apanhar, agarrar
21. cunanguice	do quimbundo, <i>ku-nanga</i>	ato de não estudar nem trabalhar
22. cunangar	do quimbundo, <i>ku-nanga</i>	acomodar-se; estar sem trabalho
23. cupapatismo	do quimbundo, <i>oku-papata</i>	relativo ao exercício de moto-táxi
24. curibotar	do quimbundo, <i>ku-ribota</i>	bisbilhotar; fazer fofoca
25. desbundar	do quimbundo, <i>mbunda</i>	festejar com pompa; esbanjar
26. descabaçar	do quimbundo, <i>kabasu</i>	fazer perder a virgindade a
27. descuanzar	da moeda nacional, <i>kwanza</i>	estar ou ficar sem dinheiro
28. gabelense	de <i>Ngebela</i>	natural da cidade da Gabela
29. huilano(a)	de <i>Mwila</i>	natural da província da Huíla
30. kizombista	do quimbundo, <i>kizomba</i>	que aprecia a música kizomba
31. macumbaria	do quimbundo, <i>ma-kumba</i>	o mesmo que feitiçaria
32. matumbice	do quimbundo, <i>ma-tumbu</i>	ato de ser boçal, sem modos
33. moxicano(a)	do tchókwe <i>mwa-Muxiku</i>	natural da província do Moxico
34. mujimbar	do quimbundo, <i>mujimbu</i>	fazer fofocas; propalar boatos
35. muxoxar	origem expressiva, de <i>muxoxo</i>	resmungar; dizer aparte
36. ngandular	do quimbundo, <i>nga-ndulo</i>	obter uma comissão indevida
37. nganzar	do quimbundo, <i>ji-ngaza</i>	fazer uso da droga; drogar-se
38. palanquinha	diminutivo de <i>Palanca</i>	seleção nacional juvenil de futebol
39. quibalista	de <i>Kibala</i>	natural do município da Quibala
40. quiconguização	de <i>quicongo>kikongo</i>	integração na cultura bacongo
41. quimbandaria	do quimbundo, <i>kimbanda</i>	relativo a quimbanda; adivinhação
42. quimbandismo	do quimbundo, <i>kimbanda</i>	relativo a curandeirismo
43. quimbundização	de <i>quimbundo>kimbundu</i>	integração na cultura ambundo
44. quingular	do quimbundo, <i>ku-kinga</i>	comprar e vender moedas na rua
45. uigense	de <i>Uíge>Wizidi</i>	natural da província do Uíge
46. umbundização	de <i>umbundo>umbundo</i>	integração na cultura ovimbundo
47. xingamento	do quimbundo, <i>ku-xinga</i>	ofensa; obscenidade; impropério
48. xinguilamento	do quimbundo, <i>xinga</i>	ato de invocar espíritos, maldizer
49. zombaria	do quimbundo, <i>kuzombala</i>	ato, efeito de fazer troça, chacota
50. zungueiro(a)	do quimbundo, <i>nzunga</i>	que vende caminhando pelas ruas

Tabela 3: Etimologia e semântica de alguns neologismos híbridos.

Dos vários vocábulos extraídos das obras já referidas, os vocábulos **cazucuta**, derivado do quimbundo *kazukuta* (que significa dança, festa, música), e **mujimbo(u)**, também do quimbundo (que significa boato, fofoca), sendo nominais, ao incorporar o formante sufixal *-eiro*, passam os neologismos a denominais, os quais são de uso comum no PVA. Mas esta operação dá-se sobretudo com a intenção de se alterar o sentido semântico dos hibridismos, assim, **cazucuteiro(a)** passa a significar "pessoa que gosta de zaragata, pessoa desordeira, desobediente" e **mujimbeiro(a)** "pessoa que faz fofocas, intriguista, que não guarda segredo".

Veja-se na literatura:

- i) «Bumbos de dizanda e instrumentos de **kazukuta** e de ngaieta faziam-se ouvir em volta do campo». (Mestre Tamoda e outros contos, de Uanhenga Xitu).
- ii) «Ó **kazucuteiro**, você é que trouxeste então o sol!». (Quantas madrugadas tem a noite, de Ondjaki).
- iii) «Não gosto de despedidas porque elas chegam dentro de mim como se fossem fantasmas **mujimbeiros** que dizem segredos do futuro». (Os da minha rua, de Ondjaki).
- iv) «Tinham dado ordem num grupo de miúdos para **bondar** o Cão Tinhoso». (Os da minha rua, de Ondjaki).
- v) «...até dá **banga** passear com um cão desses pela Baixa». (O cão e os caluandas, de Pepetela).
- vi) «Andava devagar e **bangoso** tipo filme de câmara lenta, fato todo branco, duma gravata azul escura quase veludo». (Os da minha rua, de Ondjaki).

O neologismo **bondar** provém do umbundo *oku-ponda* (que significa matar), verifica-se a transferência da consoante oclusiva bilabial não-vozeada para outra muito similar, a oclusiva bilabial vozeada, onde o formante verbal enceta uma morfologia já aportuguesada.

Em casos como *oku-ponda*, os prefixos, que são características das flexões nestas línguas, deixam de ser integrados, no ato da formação por hibridismo, ao serem aportuguesados os lexemas.

Do nome **banga** (que provém do quimbundo *kubanga*, significando vaidade, estilo, garbo, perspicácia no aprumo; *kubanga-nvuama*, engrandecer-se), uma marca muito presente no vocabulário do PVA, obtém-se um adjetivo denominal (cf. v e vi). Esta operação resulta da adjunção entre o radical *bang-* e o formante adjetival do português *-oso*.

Os falantes, ao procederem algumas operações no ato de aportuguesamento, recorrem ao princípio da analogia, a qual é determinada por uma relação semântica, fonética ou, neste caso, morfológica de semelhança. Por exemplo, em **bangoso**³

³ Cujo sinónimo é *bangão*, sendo que este ditongo nasal não é operacionalizado nas línguas bantu, deixa-se claro que a marca *-ão* é um formante sufixal do português, logo, também um neologismo híbrido.

observa-se uma formação por analogia aos adjetivos teimoso, tihoso, manhoso, formoso, guloso, etc.

As mudanças que vão ocorrendo na nossa língua, uma das mais transcontinentais, formam uma variante dialetal forte e especial que, sobretudo, absorve a **lexicultura**, conceito que remete para elementos de uma cultura presentes num determinado léxico partilhado, nos subsistemas da língua corrente.

Entendemos, pois, a urgência, tanto numa perspetiva histórica como sociolinguística, em estudar profundamente a questão lexicográfica no âmbito do português falado em Angola, visto que estamos diante do que Mingas (2002a) designou por "uma nova realidade linguística em Angola".

Gradualmente, assiste-se a uma autonomia de maior relevo, a um afastamento entre o português europeu, o estandardizado, cuja norma é a única ainda em vigência, oficialmente, em Angola, e o português vernáculo de Angola, também designado português de Angola.

Com efeito, observando-se este afastamento entre o português de Angola e o europeu, mesmo que ainda, entre si, haja características afins, verifica-se que, aos poucos, a realidade linguística de Angola (a nível da morfossintaxe, da fonética e sobretudo da semântica) vai assumindo particularidades resultantes das influências e interferências linguísticas.

Concordamos com Altuna (2006: 17), o qual entende que "as culturas devem tornar-se cada vez mais humanas, múltiplas através dos tempos, criativas, dinâmicas e devem acompanhar as vicissitudes dos grupos sociais, que não podem permanecer imóveis", sendo que a língua, neste caso, e noutros, compreende o rosto, a porta e a chave de uma cultura, sem a qual não é expressa.

5. CONCLUSÕES

Da formação de neologismos, por via de hibridismos, depreendem-se os aportuguesamentos, que são processos em que um lexema bantu perde, muitas vezes, algumas das suas propriedades (semânticas, fonológicas, fonéticas ou morfológicas) originais ao se juntar a itens morfémicos da língua de Camões, para a concretização do processo de lexicalização.

Percebe-se que alguns dicionários modernos de língua portuguesa têm desenvolvido, no domínio da investigação lexicográfica, um trabalho de mérito por via do qual se incluem vocábulos aportuguesados (e não só), obtidos das línguas bantu, o qual torna a língua mais inclusiva, solidária e aproxima muitos falantes em contexto de intercomunicação.

Estes processos neológicos e de hibridização continuarão a ocorrer com alguma frequência em Angola, tendo como principais recursos os metaplamos e os formantes inerentes à língua portuguesa. As línguas naturais, como são as nativas angolanas e a portuguesa, distanciam-se das artificiais, como o esperanto e o afrihilié, devido à capacidade de inovação, reinvenção e revitalização espontâneas.

Referências

ADEGBIJA, Efurosibina. **Language attitudes in West Africa**. International Journal of the Sociology of Language, v. 2000, 2009.

ADRIANO, Paulino Soma. **Tratamento morfosintático de expressões e estruturas frásicas do português em Angola: divergências em relação à norma europeia**. Tese de Doutorado. Instituto de Investigação e Formação Avançada, Évora. 2014.

AFI. **Lista dos símbolos fonéticos e diacríticos do Alfabeto Fonético Internacional** (IPA 2005) usados nas transcrições do Arquivo Dialetal do CLUP. Disponível em: <https://cl.up.pt/arquivo/como/simbolos.pdf>. Acedido a 15/02 de 2019.

ALTUNA, Raul Ruiz de Asúa. **Cultura Tradicional Bantu**. Irmãs Paulinas, S. P. Brasil. 2006.

ALVES, Ieda Maria. **Neologia e implicações textuais**. USP. Abralim, p. 1821-1825, 2009.

ALVES, Ieda Maria. **Formantes prefixais e lexicalização**. Matranga (Rio de Janeiro), Rio de Janeiro, v. 14, p. 163-170, 2002.

ANDRADE, Maria Margarida de. **Dicionário de Termos Gramaticais**. Ed. Atlas. São Paulo. 2009.

ANDRADE, Paulo. **Luanda: um caso de hibridismo linguístico e cultural**. Itinerarios (UNESP. Araraquara), v. 26, p. 259-261, 2008.

BARBOSA, Adriano. **Dicionário Cókwe-Português**. Instituto de antropol., Universidade de Coimbra. 1989.

BARROS, Agnela. **A Situação do Português em Angola, in: Uma Política para o Português** [Colóquio, 1999], Lisboa: Edições Colibri (35-44). 2002.

CARDEIRA, Esperança. **História do português**. Editorial Nzila, Luanda. 2006.

CARDOSO, João Batista. **Hibridismo cultural na América Latina**. Itinerários (UNESP), v. 27, p. 79-90, 2008.

CASTRO, Yeda Pessoa de. **Marcas de africania no português do Brasil: o legado negroafricano nas Américas**. Interdisciplinar-Revista de Estudos em Língua e Literatura. São Cristóvão: UFS, v. 24, p. 11-24, 2016.

CASTRO, Ivo. **Introdução à história do português**. Edições Colibri, Lisboa. 2008.

CORREIA, Margarita. **A terminologia em Portugal e países de língua portuguesa em África**. 2005, pp. 15-20.

COELHO, Vírgilio. (2016). **A classificação etnográfica dos povos de Angola**. In Revista Angolana de Ciências Sociais 'Mulemba', Luanda. URL: <http://Mulemba.revues.org/473>; DOI: 10.4000/mulemba.473. Acedido a 20 de Outubro de 2018.

COMPARINI, Ana Maria, GUIRALDELLI, Lisângela Aparecida & SOUZA, Edson Rosa de. **Referência cruzada e concordância oracional no estudo de transparência e opacidade em línguas indígenas do Brasil**. LIAMES 17(2): pp. 307-340 - Campinas, 2017.

COSTA, Teresa Manuela Camacha José. **Umbundismos no português de Angola: proposta de um dicionário de umbundismos**. Tese de Doutoramento em Linguística: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. 2015.

CRUZ, Arsénio da Silva. **Estudo comparativo entre o perfil linguístico do falante urbano do Lubango e do Huambo e suas implicações no ensino do Português**. Tese de Doutoramento. FCSH, Universidade Nova de Lisboa. 2013.

DANIEL, Hilton Fortuna. **Interculturalismo: fator de aprendizagem do português língua segunda/língua estrangeira em Luanda**. Dissertação de mestrado. FCSH, Universidade Nova de Lisboa. 2017.

DANIEL, Hilton Fortuna. **O livro do português falado em Angola: dicionário elementar de angolanismos**. (no prelo) 2020.

Dicionário de Umbundo: Umbundo-Português. Edições Naho. 1ª Edição. Póvoa de Santo Adrião. 2002.

Dictionario de Portuguez-Kimbundu. Coordenado por J. Pereira de Nascimento. Typografia da Missão, Huilla. 1907.

FIGUEIREDO, Candido. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. 1913.

GALISSON, Robert. **Cultures et lexicultures pour une approche dictionnaire de la culture partagée**. In: Annexes des Cahiers de linguistique hispanique médiévale, volume 7, 1988. Hommage à Bernard Pottier. pp. 325-341. 1988.

IMA-PANZO, João Boaventura. **As representações dos professores sobre o português língua segunda: linhas de actuação. Programa de formação contínua para professores do ensino primário em Angola**. Tese de Doutoramento. Universidade da Beira Interior. Covilhã. 2014.

- INVERNO, Liliana. **A transição de Angola para o português vernáculo: estudo morfossintático do sintagma nominal**, in Ana Carvalho (ed), Português em contacto. Madrid, Frankfurt: Iberoamericana/Editorial Vervuert. 2009.
- JAKOBSON, Roman & Halle, Morris. **Fundamentals of Language**. Mouton & Co – Gravenhage. Massachusetts, EUA. 1956.
- JUNIOR, A. de Assis. **Dicionário Kimbundu-Português**. Edição de Argente, Santos & C.^a, L.da, Luanda. 1947.
- LINO, Maria Teresa. **Neologia e neónímia em língua portuguesa**. Linha D'Água, São Paulo, v. 32, n. 3, pp. 9-23, 2019.
- LINO, Maria Teresa; CHICUNA, Alexandre; GRÔZ, Ana Pita & MEDINA, Daniel. **Neologia, Terminologia e Lexicultura. A Língua Portuguesa em contacto de línguas**. Revista de Filologia e Linguística Portuguesa, São Paulo, v. 2, n. 12, p. 187-201, 2010.
- LOPES, Mailson. **Breve panorama sobre os estudos do português arcaico no Brasil**. MACABÉA – Revista Eletrônica do Netlli, Crato, v. 8., N. 2., 2019, p. 372-410.
- MARTINET, André. **Éléments de Linguistique Générale**. Ed. Armand Colin. Paris. 1980.
- MENDONÇA, Renato. **A influência africana do português do Brasil**. Fundação Alexandre de Gusmão. Brasília. 2012.
- MINGAS, Amélia. **Interferência do Kimbundo no Português Falado em Lwanda**. Luanda: Edições Chá de Caxinde, Luanda. 2002a.
- MINGAS, Amélia. **O português de Angola: uma realidade**. In XII Encontro da Associação das Universidades de Língua Portuguesa, pp. 159-164. Luanda. 2002b.
- Morfema In Artigos de apoio Infopédia** [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2019. [consult. 2019-07-13 15:55:59].
- NAUEGE, João Muteteca. **Da norma à variação: estudo de caso sobre o uso do conjuntivo no português de Angola, especificidades no ensino superior**. Tese de Doutoramento, Universidade de Évora. 2017.
- OPEIBI, Tunde. **Investigating the Language Situation in Africa**. The Oxford Handbook of Language and Law. 2012.
- PRIA, A. D. **Tipologia linguística línguas analíticas e línguas sintéticas**. SOLETRAS, Ano VI, N° 11. São Gonçalo: UERJ. 2006.

RIO-TORTO, G. **Prefixação, sufixação e parassíntese no português: harmonia e competição.** MACABÉA – Revista Eletrônica do Netlli, Crato, V. 8., N. 2., 2019, p. 585-602.

SAPIR, E. **Language. An introduction to the study of speech.** Nova York, Harcourt. 1921.

UNDOLO, Márcio. **Caracterização do sistema vocálico do português culto falado em Angola.** Revista de Filologia Románica, vol. 31, nº 2, 2014, pp. 181-187.

WILSON, Ralph L. **Dicionário Prático Português-Umbundo.** Missão Evangélica, Dondi, Bela Vista. 1935.

Para citar este artigo

DANIEL, H. F. Morfologia aglutinante no português angolano formação de neologismos híbridos. **Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 9, n. 4, 2020, p. 434-451.

O Autor

HILTON FORTUNA DANIEL tem mestrado em Ensino do Português (L2/LE), pela Universidade Nova de Lisboa. É investigador convidado na Academia das Ciências de Lisboa, desde 2016, na área de Lexicologia e Lexicografia. Docente de Português e Técnicas de Comunicação e Expressão, no Instituto Superior Politécnico Gregório Semedo.